Universidade de Coimbre
Arquivo
Jose Clemente Pereira
(1786-1854)

3 1761 08281253 8

F
2536
P427

JOSÉ CLEMENTE PEREIRA

(1786 — 1854)

NOTAS BIOGRÀFICO-ACADÉMICAS,
COLHIDAS NO ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PELO SEU DIRECTOR

DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

CIↃ · IↃCCCC · XXIII

JOSÉ CLEMENTE PEREIRA

Tiraram-se apenas 300 exemplares
deste opúsculo.

JOSÉ CLEMENTE PEREIRA

(1786 – 1854)

NOTAS BIOGRÀFICO-ACADÉMICAS,
COLHIDAS NO ARQUIVO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PELO SEU DIRECTOR

DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

CIↃ • IↃCCCC • XXIII

F
2536
P427

O Ex.mo Director Geral do Ensino Superior, Doutor Queiroz Veloso, por solicitação do Ministério dos Negócios Estranjeiros, dirigiu-se ao director do Arquivo da Universidade de Coimbra, em ofício n.º 382, l.º 4.º, 1.ª Repartição, de 19 de Fevereiro do corrente ano, pedindo-lhe que averiguasse os dados biográficos, que neste Arquivo porventura existissem, relativos ao português ilustre dos princípios do século XIX, José Clemente Pereira, que no Brasil exerceu funções de relêvo.

Procedeu-se desde logo às solicitadas investigações, e delas resultaram as notas singela e despretenciosamente exaradas neste opúsculo. Com a sua publicação concorre modestamente o Arquivo da Universidade de Coimbra para as festas, com que a grande Nação brasileira celebra a comemoração centenária da sua independência.

Coimbra, 3 de Maio de 1923.

DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS,
director do Arquivo da Universidade.

José Clemente Pereira,

(1786 — 1854)

Na lista dos beneméritos, que o Brasil venera como promotores e cooperadores da sua independência, e fundadores por isso da grande e progressiva nação, avulta o nome de José Clemente Pereira. Foi êle um propagandista apaixonado da idéa da autonomia. Foi êle o porta-voz do príncipe D. Pedro: no dia 9 de Janeiro de 1822, em sessão do senado municipal fluminense, recebeu dos lábios do futuro imperador e transmitiu aos patriotas o histórico — *Fico*.

JOSE CLEMENTE PEREIRA.

Havia exercido a magistratura como juiz-de-fora em várias localidades, e por fim no Rio-de-Janeiro; e trabalhara como poucos, com o entusiasmo radicado na convicção da justiça da causa, pela independência da vasta colónia, cuja autonomia nacional era reclamada pelas condições da vida própria.

Exerceu depois altas funções políticas no Império, revelando sempre grande talento, zêlo inexcedível, competência rara, singular amor do

trabalho, tenacíssima fôrça de vontade e espírito de justiça inquebrantável.

Teve logar de realce no parlamento, sendo largos anos deputado pela província do Rio-de-Janeiro, pela de S. Paulo, e pela de Minas; e em 1842, numa lista tríplice para a nomeação de senador vitalício, em preenchimento de uma vaga que havia pela província do Pará, esta indicou o seu nome ao lado dos de D. Romualdo, arcebispo da Bahia, e de Marcos António Brício, barão de Jaguarary, sendo pelo jóvem imperador D. Pedro II preferido e nomeado José Clemente Pereira.

Já anteriormente havia sido várias vezes proposto senador pelo Rio-de-Janeiro e por Alagôas; a regência porém antepusera-lhe outros, indicados nas listas tríplices.

Mas o seu papel político não se limita à acção parlamentar. Sobraça a pasta do Império e a da guerra em vários ministérios, e deixa sempre a sua passagem pelo govêrno vincada com serviços de alta importância.

Nomeado intendente geral da polícia, neste melindroso e espinhosíssimo cargo serviu, muito bem como sempre, a Nação e a capital do Império. Conselheiro de Estado, a sua voz era escutada com respeito pelo sábio imperador, como de um homem de bem, dotado de inteligência clara e senso muito esclarecido.

Outros cargos de diferente natureza desempenhou, revelando muita competência e zêlo; entre êles o de primeiro presidente do Tribunal do Comércio.

Não foi sem contraditores, sem adversários de larga envergadura, que serviu todos êsses altos cargos. Teve de sustentar lutas titánicas, sofreu grandes perseguições e graves desgostos: mas por fim triunfava sempre, porque eram o espírito de justiça e o interêsse do bem público que informavam e pautavam o seu proceder.

Em 1838 foi eleito provedor da Misericórdia do Rio-de-Janeiro. A esta importante e benemerentíssima instituïção de caridade consagrou durante muitos anos, com amor inexcedível, a sua actividade, presidindo à administração da Santa Casa e à distribuïção dos socorros

aos necessitados até ao último momento da vida. Tinha acabado de fazer o despacho como provedor, quando a apoplexia o fulminou a 10 de Março de 1854.

O imperador-filósofo havia-o feito comendador da Ordem da Rosa; três dias depois da sua morte conferiu à viúva, D. Engrácia Maria da Costa Ribeiro Pereira, o título de Condessa da Piedade, graça póstuma de reconhecimento à memória do marido, graça que o Brasil comovidamente aplaudiu.

Não se esqueceu a Santa Casa da Misericórdia de satisfazer também a grande dívida de gratidão e saüdade, que tinha para com o seu benemérito provedor, e mandou erigir-lhe no cemitério de S. Francisco Xavier, onde jaz sepultado, um grande monumento, a que serve de remate a estátua da Piedade; nêle se lê a inscrição seguinte:

A José Clemente Pereira
Varão Illustre Entre Seus Concidadãos
Por Seu Piedoso Zelo Para Com Os Infelizes
A Irmandade Da Santa Casa Da Misericordia
Levantou
No Dia Dois De Novembro De MDCCCLVIII
A Estatua Da Piedade
Symbolo Da Sua Vida
Tendo Conseguido Erigir Dois Magnificos
Hospitaes
Falleceu No Rio De Janeiro
No dia X De Março De M DCCC LIV
Na Idade De LXVII Annos

Depois desta notícia prévia, descalcada sôbre um interessante artigo do sr. Escragnolle Dória, publicado no jornal ilustrado brasileiro — *Revista da Semana*, donde foi recortado o retrato que inicia esta nota, vamos dar conta de alguns elementos biográficos existentes no Arquivo da Universidade de Coimbra, e quase todos desconhecidos.

José Clemente passou na Lusa Atenas seis anos da sua juventude;

aqui fez a sua educação jurídica, freqüentando os cursos da Faculdade de Cánones, em que se formou: não podiam pois deixar de existir no Arquivo universitário vários registos e documentos relativos à sua passagem por esta escola. Rebuscando-os com minucioso cuidado, coligimos quantos ali se encontram, e vamos dar conhecimento dêles, contribuindo assim para a documentação biográfica do benemérito homem de Estado, cujo nome constitue um título de glória para a Nação brasileira.

É uma contribuïção modesta e bem pequena para as festas do centenário da independência do Brasil: entretanto não de todo destituída de curiosidade e interêsse, pois nem sequer o ano do nascimento dêste grande fautor da autonomia brasileira era conhecido. A indicação da idade em que morreu, constante da inscrição epigráfica atrás transcrita, acha-se errada.

Nasceu José Clemente Pereira na minúscula aldeia de Ádem, que então era termo de Castelo-Mendo, comarca de Trancoso, bispado de Pinhel, e actualmente pertence à circunscrição municipal e judicial de Almeida, distrito administrativo e diocese da Guarda. Era pois beirão da gema, o que explica a austeridade do seu carácter, o seu génio bondoso, modesto, trabalhador e justo, e a tenacidade de aço da sua energia.

Não há registo do dia do nascimento. Apenas sabemos que a 22 de Fevereiro de 1786 compareceu na paroquial igreja de S. João Evangelista de Ádem, perante o pároco João Ribeiro, o seu paroquiano José Gonçalves, acompanhado por Manuel Monteiro com sua filha Ana, da freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Mesquitela, que hoje faz parte do vezinho concelho de Celorico da Beira, trazendo-lhe, para ser baptizada, uma creança recem-nascida do sexo masculino, filha legítima do primeiro, e que ia ser apadrinhada pelos segundos. Queriam que ao menino se pusesse o mesmo nome do pai — José.

Era neto paterno de Manuel Gonçalves e de sua mulher Maria Ribeira, da referida freguesia de Mesquitela, naturalidade do pai do neófito; por parte de sua mãe Maria Pereira, natural e residente em Ádem, era neto de Lourenço Pereira, da aldeia de Pôrto-de-Ovelha, hoje pertencente ao concelho do Sabugal, e de Maria João, de Ádem, tudo isto nos limites da comarca de Almeida [1].

O baptismo realizou-se logo; e nós podemos fundamentadamente conjecturar que o nascimento houvera sido nos fins da primeira quinzena do referido mês de Fevereiro, porque era costume, geralmente observado, baptizar as crianças ao oitavo dia do nascimento, ou pouco depois.

Êste pequeno José, filho de uma família obscura do povo, é o que mais tarde veiu a chamar-se José Clemente Pereira.

Nada sabemos da sua infância, que certamente decorreu modesta e humilde, na companhia de seus pais.

Crescido, destinou-se à vida eclesiástica, e aspirou a altos empregos da Igreja, para os quais eram elementos necessários a ordenação e os graus académicos. ¿ Não seriam tais aspirações exageradas, atenta a humildade da sua condição ? ¿ Com que meios contava, ou contavam seus pais, para fazer face aos dispéndios consideráveis de uma carreira literária para a conquista dos pergaminhos universitários ?

Ignora-se. Mas o que vemos é que êle, ainda jóvem, trata de principiar a habilitar-se com os elementos necessários para satisfazer essas aspirações: inicia a sua ordenação, e o estudo dos preparatórios para a matrícula na Universidade.

¿ Onde cursou as disciplinas preparatórias ? Certamente na província, na sua região natal, pois havia ali escolas aproveitáveis, essas

---

[1] Documento I, infra.

escolas régias criadas após a grande reforma pombalina, que constituíam uma vasta rede de ensino primário e secundário, cujas malhas se estendiam por todo o país. Mestres de primeiras letras tinha-os ali bem perto, em Mesquitela, Castelo-Mendo, Trancoso, e fora da comarca, mas não longe, em Pinhel e na Guarda; de gramática e língua latina havia-os em Trancoso, Almeida, Celorico e Pinhel; de rètórica e poética em Pinhel; de filosofia racional e moral na Guarda.

Em tôdas estas escolas se ministrava ensino gratuito. Quaisquer que fôssem as preferidas, o que é certo é que José Clemente Pereira por lá estudou os seus preparatórios, e em Setembro de 1803, com os seus 17 anos e meio completos, reputava-se habilitado a fazer todos os exames preparatórios então exigidos para a matrícula na Universidade, com excepção da geometria, que não se professava em cadeira alguma daquela região.

Já tinha a êsse tempo ingressado no estado clerical: era clérigo *in minoribus*, segundo êle mesmo declara, em documento autógrafo, escrito no referido mês de Setembro, existente no Arquivo da Universidade [1].

Procurei indagar quando e onde recebeu as ordens, mas não encontrei registo disso. Ádem pertencia ao extinto bispado de Pinhel, e os livros da respectiva cámara eclesiástica desapareceram quase todos, poucos restando na Guarda.

Requereu em 1803 ao arcipreste do distrito eclesiástico de Castelo-Mendo que lhe mandasse passar a certidão do seu baptismo [2], e com ela se apresentou em Coimbra a pedir admissão aos respectivos exames no Real Colégio das Artes, sujeito à autoridade universitária.

A 6 de Outubro do referido ano fez exame de gramática latina e foi aprovado *nemine discrepante* [3]; a 20 do mesmo mês, exame de

---

[1] Doc. I, cit. — Requerimento.

[2] Ibid.

[3] **Arquivo da Universidade.** — *Exames de latinidade* (de 1803 a 1812), vol. 3.º, fol. 11.

rètórica, sendo aprovado *simpliciter* [1]; onze dias depois, a 31, exame de filosofia racional e moral, e foi aprovado [2].

Teve de residir em Coimbra êsse ano lectivo de 1803-1804 para se habilitar em geometria com leccionista particular, pois o quadro das cadeiras do Colégio das Artes não abrangia esta disciplina. Fixou a sua residéncia perto da Universidade, na rua de S. João, hoje denominada de Sá de Miranda; mas, como lhe sobrava tempo, e a consciéncia lhe dizia que, apesar da habilitação oficial, não estava bem senhor das matérias ensinadas no compéndio de lógica, que muito necessárias lhe seriam para caminhar depois com passos firmes nos cursos universitários, no mesmo dia 31 de Outubro, em que obteve a aprovação em filosofia, matriculou-se no curso desta disciplina no Colégio das Artes, tendo o n.º 147 entre os 153 alunos ordinários que o constituíam, aos quais se juntavam mais 21 na classe de voluntários [3].

Aprovado *nemine discrepante* no exame de geometria a 3 de Julho de 1804, poude então apresentar-se à matrícula na Universidade.

No dia 1 de Outubro de 1804 celebrou se o acto soleníssimo da inauguração do novo ano escolar, havendo na Capela da Universidade a Missa do Espírito Santo cercada de grande pompa, com sermão por um dos lentes teólogos, e assisténcia de tôda a Academia.

Da Capela seguiram em cortejo solene, vistoso pelas insígnias dos doutores e pelos vestuários de gala dos empregados, para a sala nobre das grandes solenidades académicas, e, dispostos nos seus respectivos lugares o cancelário, o vice-reitor, lentes, doutores, autori-

---

[1] **A. U.** — *Exames de rhetórica e de história* (de 1799 a 1815), vol. 2.º, fol. 52 v.º

[2] **A. U.** — *Exames de lógica* (de 1803 a 1814), vol. 3.º, fol. 13.

[3] **A. U.** — *Matrícula no R. Col. das Artes* (1803-1804), vol. 17, fol. 80; — cf. a *Relação* (impressa) *dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra no Anno Lectivo de 1803 para 1804*, pág. 57.

dades, magistrados, magnates, etc., subiu à cátedra, que destacava no lugar de honra, o lente de prima de uma das Faculdades, que pronunciou a lição inaugural do novo ano escolar.

¡Como estas pompas da liturgia universitária deveriam impressionar o pobre *novato* beirão, que pela primeira vez assistia a tão sugestivas cerimónias!

O nosso José Clemente já havia prèviamente apresentado na Secretaria o seu requerimento solicitando admissão à matrícula, documentado com as certidões de idade e de aprovação nos exames preparatórios, e obtivera o deferimento do vice-reitor.

Realizava-se a matrícula geral com certo aparato nos três dias seguintes à abertura solene, sob a presidência do reitor ou de um lente seu representante. Foi logo no primeiro dia, terça feira 2 de Outubro, que na referida sala nobre da Universidade vulgarmente chamada *Sala dos Capelos*, achando-se o representante do bispo-conde D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho [1], reformador-reitor da Universidade, então ausente, sentado na cadeira prelatícia à mesa da presidência, o secretário num bofete ao topo da mesma mesa com o livro da matrícula, ali compareceu José Clemente Pereira, tomou o compromisso, firmado com juramento, de observar os Estatutos, respeitar o reitor e autoridades universitárias, e cumprir todos os restantes deveres de bom aluno; feito isto, assinou o termo de matrícula no primeiro ano dos cursos jurídicos, e pagou 120 réis de propina para o secretário e 6$400 réis para a arca da Faculdade [2]. Dêste momento em deante ficou pertencendo ao número dos privile-

---

[1] Notamos a circunstância de ser brasileiro êste grande vulto da história portuguesa, a quem em grande parte se deve a reforma da Universidade e do ensino, braço direito do marquês de Pombal na execução dessa reforma. Nasceu na casa e morgado de Marapica, freguesia de Santo António de Jacotinga, termo da cidade do Rio-de-Janeiro, a 5 de Abril de 1735. (Vid. *Annuário da Universidade, 1888-1889*, artigo *D. Francisco de Lemos de F. P. C.*, pelo Dr. Bernardo A. Serra de Mirabeau).

[2] *Estatutos da Universidade de Coimbra de 1772*, liv. 2, tit. 1, cap. 4.

giados da Universidade, sujeito apenas ao fôro académico, sob a alçada jurisdicional do conservador universitário.

Tanto no 1.º como no 2.º ano jurídicos, todos os estudantes neles matriculados, quer pretendessem a formatura em Cánones quer em Leis, freqüentavam sem distinção as mesmas cadeiras, ouvindo em comum as lições do ano respectivo; mas, findo o 2.º ano, então o curso bifurcava-se, seguindo os alunos nos restantes anos um dos dois cursos distintos — o da Faculdade de Cánones, ou o da Faculdade de Leis.

José Clemente pois, matriculando-se no 1.º ano dos cursos jurídicos, não precisava de declarar, por enquanto, em qual das duas Faculdades pretendia formar-se. Isso ficava para mais tarde. Foi inscrito sob o número de ordem 20[1].

Residiu êste ano na casa n.º 6 do bairro de S. Bento, mais tarde crismado com o nome dos Arcos do Jardim, e ùltimamente com o do Dr. Rodrigo de Sousa Pinto[2].

Principiou então a sua convivência familiar com os alunos do seu curso, com os seus condiscípulos, entre os quais havia nada menos de quatorze vindos das terras ultramarinas da Santa Cruz[3].

Não ultrapassamos os limites da verossimilhança, mantemo-nos até no estrito campo das probabilidades, supondo que êsses rapazes brasileiros, vivendo tão longe das suas famílias e das suas terras, transplantados para um meio tão diverso daquele onde haviam passado a sua infância, e onde ficaram os seus íntimos, atraïriam de modo especial a simpatia do pobre *novato* beirão, de cujo temperamento compassivo e coração bem formado tantas provas temos.

Creio pois que entre êsses condiscípulos brasileiros contaria em breve os mais afectuosos dos seus amigos, os mais inseparáveis companheiros.

---

[1] A. U. — *Matrículas*, vol. 33, liv. 1, fol. 22. — Vid. doc. II, infra.

[2] *Relação dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra no Anno Lectivo de 1804 para 1805*, pág. 5.

[3] Doc. III, infra.

Nas conversas habituais, — já na Universidade durante os intervalos das aulas, já nas sessões quotidianas, nesse *rendez-vous* que todas as tardes trazia a rapaziada académica à velha ponte do Mondego, onde, sentados sôbre os parapeitos, se divertiam com quem passava, e com os barqueiros que subiam ou desciam o rio nas suas grandes barcas serranas, já nos passeios dos dias feriados pelos sinceirais que orlavam as margens ribeirinhas, e pelos arrabaldes que cingem a cidade de Coimbra na mais bela e admirável moldura, — ¿ quantas vezes ouviria êle, com a maior atenção e interêsse, aqueles seus condiscípulos a falarem das terras privilegiadas do novo mundo, da vida exuberantíssima da sua natureza, das riquezas assombrosas do solo, das belezas inigualáveis das païsagens, das indústrias florescentes, do comércio próspero, dêsse Brasil, que seria um país de sonho, o paraíso terrestre, se um sôpro de liberdade o acalentasse, livrando-o das multíplices tiranias que o esmagavam ? E estas idéas, semeadas no seu espírito pelas conversas com os condiscípulos, fariam nascer sentimentos generosos, que encontravam, no seu coração bem formado, terreno admirável para germinarem e frutificarem.

Eis, a meu ver, a génese da simpatia de José Clemente Pereira pelo Brasil; por um Brasil novo, mais próspero, mais feliz, e ainda mais belo.

Esta simpatia radicou-se-lhe no espírito. Começou em breve a acalentar o sonho, a princípio indefinido e vago, de vir um dia a contribuir para essa obra humanitária, de larga benemeréncia. E, à medida que esta idéa se foi definindo e fixando, o antigo plano do jóvem José Clemente, de ser sacerdote e de servir aqui a Igreja nos altos cargos clericais, desvanecia-se e apagava-se pouco a pouco.

Entretanto vai prosseguindo, sem hesitações nem desfalecimentos, na sua encetada carreira literária.

Findo o 1.º ano jurídico, que freqüentou com regularidade, compareceu no dia 18 de Julho de 1805, em turma com D. Manuel Francisco de Portugal e Castro e mais três outros condiscípulos, perante o júri misto de exames, constituído pelos doutores Simão de Cordes Brandão, lente de Cánones, e Francisco Jacques Salinas de

Benevides, lente de Leis; foram examinados e todos aprovados *nemine discrepante* [1].

Em Outubro seguinte não veiu à matrícula geral. Passadas semanas, compareceu na secretaria da Universidade, onde privadamente fez a sua matrícula no 2.º ano jurídico a 29 de Outubro, cabendo-lhe o número de ordem 98 [2]. Continuou a residir no mesmo bairro de S. Bento, não sei se na mesma casa do ano precedente [3].

Ao terminar o ano lectivo fez o seu exame a 8 de Julho de 1806 com o mesmo resultado plenamente satisfatório do anterior [4].

Tornava-se agora necessário optar por uma das Faculdades jurídicas, matriculando-se no 3.º ano, ou de Cánones ou de Leis. Aquela tinha por objecto o direito canónico, esta o direito civil; os doutores de uma e os da outra distinguiam-se nas solenidades académicas pelas côres dos seus capelos e restantes insígnias doutorais: à de Cánones era tradicional e legalmente atribuída a côr verde, à de Leis a vermelha.

Distanciavam-se muito uma da outra pelo número dos alunos que as freqüentavam: a freqüência da Faculdade de Cánones era muito grande, pois os seus alunos contavam-se em número muito superior à soma dos de tôdas as restantes Faculdades, enquanto que a freqüência da de Leis era diminuta. Para se fazer idéa da proporção, basta dizer que, desde o ano de 1573, em que a escrituração das matrículas principiou a fazer-se com regularidade, até à reforma de 1772, encontra-se registado nas diferentes Faculdades o seguinte número de matrículas [5]:

Teologia	Cánones	Leis	Medicina	Total
16.138	237.860	42.269	21.842	318.109

[1] A. U — *Exames dos cursos jurídicos,* vol. 5, fol. 17. — Vid. doc. IV, infra.

[2] A. U. — *Matrículas,* vol. 34, liv. 1, fol. 60.

[3] *Relação dos Estudantes... no Anno Lectivo de 1805 para 1806,* pág. 11.

[4] A. U. — *Exames dos cursos jurídicos,* vol. 6, fol. 21 v.º

[5] Estes números são extraídos da Estatística, organizada pelos alunos da Facul-

Cabendo em média anual a cada Faculdade durante êste longo período:

Teologia	Cánones	Leis	Medicina	Total
84	1.232	219	113	1.648

Êste grande desequilíbrio de freqüência tem fácil explicação. A formatura em Cánones habilitava tanto para os cargos da Igreja como para os do Estado, para a magistratura, para a advocacia, etc., nos tribunais dos dois foros; a formatura em Leis só habilitava para os cargos do Estado e para o fôro civil. Tinham portanto muito mais fácil colocação, maior número de carreiras abertas, os canonistas do que os legistas.

Era pois a Faculdade de Cánones que convinha a José Clemente.

No dia 23 de Outubro de 1806 apresentou-se a fazer a sua matrícula, com o n.º 44, no 3.º ano desta Faculdade [1].

Residiu êste ano lectivo na rua do Borralho n.º 180 [2]. No acto feito a 15 de Outubro de 1807 foi aprovado *nemine discrepante* [3].

Veiu logo no dia seguinte ao acto do 3.º ano, isto é, a 16 do referido mês de Outubro, realizar a matrícula no 4.º com o n.º 39 [4], continuando êste ano a residir na mesma casa da rua do Borralho [5]. A 10 de Novembro de 1808 fez o seu acto de bacharelato, em que teve, como em todos os outros, aprovação *nemine discrepante;* e em

---

dade de Letras, no Instituto de Estudos Históricos, sob a direcção do prof. das cadeiras de História de Portugal. Note-se porém que de alguns anos (apenas 5) não existem os cadernos de matrícula, que se extraviaram antes do século XVIII. Brevemente se publicará esta interessante Estatística universitária.

[1] **A. U.** — *Matrículas,* vol. 35, liv. 1, fol. 72 v.º

[2] *Relação dos Estudantes... de 1806 para 1807,* pág. 15. — Não se estranhe um número tão elevado numa rua tão pequena como esta. A numeração das portas constituía então uma série em cada bairro, seguindo a série numérica de umas ruas para outras.

[3] **A. U.** — *Autos e graus de Canones,* vol. 7, fol. 31 v.º

[4] **A. U.** — *Matrículas,* vol. 36, liv. 1, fol. 85 v.º

[5] *Relação dos Estudantes... de 1807 para 1808,* pág. 15.

seguida, após a prestação do juramento de defender pública e privadamente a Imaculada Conceição de Maria, o presidente do júri, doutor Luís da Cunha Abreu e Melo, lhe conferiu com as solenidades usuais o gráu de bacharel em Cánones [1], pondo-lhe na cabeça o barrete doutoral verde.

Tinha de freqüentar mais um ano para fazer o acto de formatura e obter então as cartas de bacharel formado. A 16 dêste mesmo mês de Novembro foi o novo bacharel à secretaria da Universidade, e ali realizou a sua matrícula no 5.º ano de Cánones, cabendo-lhe no curso o n.º 34 [2]. Conservou-se ainda na mesma casa da rua do Borralho, em que já residira nos dois anos precedentes [3].

Era José Clemente quintanista, quando se realizou a segunda invasão francesa, comandada pelo duque da Dalmácia, Soult, o que perturbou gravemente a vida escolar da Academia de Coimbra, e deu ocasião a que nos anais da sua história a mocidade universitária deixasse uma das mais brilhantes páginas.

A 2 de Janeiro de 1809 é expedida uma carta-régia [4] ao vice-reitor, o conselheiro doutor Manuel Pais de Aragão Trigoso, fidalgo da Casa Real, desembargador honorário do Paço, arcediago da Sé de Viseu, deputado do Santo Ofício, lente de prima da Faculdade de Cánones, que governava a Universidade no impedimento do reitor, detido em França desde a primavera do ano anterior em cativeiro disfarçado, e donde não conseguiu regressar senão mais tarde, dando entrada em Coimbra ao principiar o inverno de 1813. Na aludida carta-régia ordenava-se ao prelado universitário, que organizasse um corpo militar académico, no qual se alistasse tôda a gente válida da Universidade

---

[1] A. U. — *Autos e graus de Canones*, vol. cit., fol. 103 v.º — Vid. doc. V, infra.

[2] A. U. — *Matrículas*, vol. 37, liv. 1, fol. 110 v.º

[3] *Relação dos Estudantes... de 1808 para 1809*, pág. 12.

[4] Doc. VI, infra.

— lentes catedráticos, substitutos, opositores e estudantes — para defesa do reino contra a invasão inimiga, sendo êle, chefe em exercício da Universidade, o comandante-chefe do dito corpo militar, e igualmente dos mais corpos armados da cidade de Coimbra; os exercícios escolares da Universidade encerrar-se hiam imediatamente.

Começa o alistamento a fazer-se a 6 de Janeiro, e com o maior entusïasmo se organiza de pronto o corpo militar académico. Antes de mais ninguém, alistaram-se os lentes de tôdas as Faculdades, principiando pelos de Teologia, todos eclesiásticos.

Assume então o govêrno das armas em Coimbra o coronel inglês N. Trant, que é quem disciplina militarmente o corpo universitário com extrema facilidade, devido à cultura e bôa vontade de todos. Achava-se já disciplinado, armado e municiado, quando, na tarde de 30 de Março, chega a Coimbra, com os primeiros fugitivos do Pôrto, a notícia da tomada desta cidade na véspera pelas tropas francesas, e das scenas de violência e horror, que então ali se deram [1].

Reüniu-se imediatamente o corpo universitário no largo da Feira, em frente da Sé-Nova, onde se abriu uma inscrição de 150 soldados académicos, que voluntàriamente quisessem partir com as tropas de Coimbra, sob o comando de Trant, a deter o passo ao inimigo. Ofereceram-se logo quantos ali estavam; e no dia seguinte pela manhã apareceram prontos e armados 206 fusileiros, alguns soldados de cavalo, e 80 artilheiros, todos académicos, que lá partiram levando à frente os doutores Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcelos, lente de prima de Cánones, José Bonifácio de Andrade e Silva, lente de Filosofia, e José Inácio da Rocha Peníz, lente de Cánones.

Durante a marcha para o Vouga foram-se-lhe juntando mais lentes e estudantes que se achavam ausentes de Coimbra, e, quando o quartel general se estabeleceu em Águeda, ainda continuaram chegando mais; o corpo académico e os outros corpos ficaram sob as

---

[1] As fontes principais das notícias que se seguem, sôbre a organização e operações do corpo militar académico, encontram-se adeante, docs. VII e seguintes.

ordens de Trant, que havia sido nomeado comandante da divisão de entre Douro e Mondego.

Foi ali, na região atravessada pelo Vouga e pelo Águeda, que os nossos rapazes se defrontaram com as primeiras patrulhas inimigas; e então o comandante Trant, na auséncia e em nome do prelado da Universidade, chefe e comandante do corpo académico, organiza êste regularmente em quatro companhias de infantaria, com mais uma de artilharia e outra de cavalaria, nomeando tôda a respectiva oficialidade. José Clemente Pereira ficou sendo o n.º 84 da 1.ª de infantaria [1].

Estava iniciada a campanha, que expulsou de Portugal as tropas invasoras. Nela o corpo académico portou-se com heroicidade, cobrindo-se de louros de glória nas linhas do Vouga e no Pôrto, seguindo depois a Almeida, Penamacôr e Fundão, donde regressou a Coimbra para se dissolver.

Quando, a 31 de Março, o corpo académico partiu de Coimbra, o soldado quintanista de Cánones José Clemente Pereira não entrava no número dos 206 fusileiros que nele iam. Achava-se ausente, provàvelmente na sua aldeia, quando se fez a súbita chamada. Alistara-se em Janeiro, exercitara-se militarmente, mas depois, achando-se a Universidade fechada, e não tendo êle que fazer em Coimbra, é muito natural que se retirasse para o seio da família, munido da respectiva licença, e deixando alguém encarregado de o prevenir, logo que fôsse necessário.

Apenas teve conhecimento da partida inesperada do corpo para o norte, correu logo a ajuntar-se-lhe, apresentando-se em Águeda antes do dia 13 de Abril, e começando logo a servir. Em breve porém adoeceu, e não poude marchar com os camaradas para o Pôrto; mas antes de 23 de Maio já lá se encontrava, e lidou em todo o resto da campanha, até ao regresso a Coimbra, aonde o corpo militar académico chegou no sábado 2 de Setembro, dissolvendo-se então [2].

---

[1] Doc. IX, infra.

[2] Doc. IX, infra.

Note-se que os académicos serviram sempre à sua custa, e os de cavalaria em cavalos seus, recusando-se a receber qualquer sôldo, apesar de Trant, por ordem expressa do general Beresford, comandante em chefe dos exércitos aliados, lho mandar abonar [1].

Em data de 11 de Outubro de 1809 baixou ordem régia a dispensar dos respectivos actos os estudantes que, achando-se matriculados no ano lectivo findo em qualquer das Faculdades, se alistaram no corpo militar académico e serviram na defesa da Pátria; era entretanto necessário que a congregação da respectiva Faculdade os julgasse hábeis para gozarem tal graça [2]. A congregação de Cánones, a 26 do mesmo mês, deu por hábil o quintanista José Clemente Pereira, e assim ficou ultimada a sua formatura [3].

Requereu logo os pergaminhos universitários, as duas cartas a que tinha direito: — a do grau de bacharel, que era redigida em latim, e a de formatura, em português. O requerimento, que se encontra devidamente arquivado junto com os duplicados das cartas [4], acha-se instruído com a documentação nesse tempo exigida: — certidões de aprovação nos exames dos quatro anos, e da colação do gráu de bacharel; — certidão de se haver alistado no corpo militar académico; — de matrícula no quinto ano; — de ter sido pela congregação respectiva julgado hábil para gozar a graça de dispensa do acto de formatura; — de fôlha corrida, em que os escrivães da conservatória da Universidade e da correição e crime da cidade de Coimbra, em número de sete, certificaram a ausência de culpas do requerente. A reitoria mandou passar as cartas por despacho de 27, e sairam datadas de 31 de Outubro de 1809 [5].

Baixara o aviso régio de 27 de Setembro ordenando ao vice-reitor da Universidade que, congregada esta, desse em seu real nome ao

---

[1] Doc. X, infra; — vid. docs. XI, XII e XIII.

[2] Doc. XV, infra.

[3] **A. U.** — *Perdões de acto*, vol. 2, fol. 9.

[4] **A. U.** — Caixa dos *Processos de cartas passadas em 1809*.

[5] Doc. XVI, infra.

corpo militar académico louvores e agradecimentos pelo valor e lealdade com que se tinha empregado no seu serviço e defesa da Pátria [1].

Marcou-se para êste efeito o dia 11 de Novembro próximo, avisando-se os oficiais e soldados dêsse corpo para comparecerem, vestidos com o seu uniforme militar, na sala grande dos actos *(Sala dos Capelos)*, e convidando-se para assistir todo o pessoal universitário, cabido da Catedral, oficialidades inglesa e portuguesa, tribunal do Santo Ofício, etc.

A sala, majestosa e severa, com a galeria de retratos dos reis de Portugal em toda a volta [2], achava-se adornada como nos dias das grandes solenidades; mas a cadeira prelatícia da presidência fôra deslocada do plano superior do doutoral para o fundo dos degraus, no pavimento raso, porque não houve argumentos que persuadissem o vice-reitor a ocupar naquele acto um lugar eminente; quís sentar-se êle, e fez sentar os restantes doutores, precisamente no mesmo plano em que ficavam os bravos soldados, em honra de quem eram prestadas as homenagens. Os doutorais estiveram pois neste dia desocupados.

Quando o vice-reitor entrou no páteo da Universidade, achava-se o corpo militar académico perfilado ao fundo das escadas centrais, que dão acesso à *via-latina*, tendo à frente o seu coronel, lente de prima de Cánones, desembargador dr. Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcelos, e o major, 3.º lente da mesma Faculdade, dr. José Inácio da Rocha Peníz, todos com o seu uniforme militar.

Feita a continência do estilo, subiram à sala em cortejo triunfal, ao som bélico de uma entusiástica marcha militar, indo após o batalhão o prelado, segundo o uso universitário ladeado pelo lente de prima de Teologia, à direita, e o de Cánones à esquerda: aquele ornado com as insígnias doutorais, êste vestindo o simples uniforme de coronel do corpo académico.

---

[1] Doc. XIV, infra.

[2] Na estampa fronteira vê-se o interior da sala grande dos actos, ou *Sala dos Capelos*, tal como estava em 1887.

Na sala os doutores das seis Faculdades pela ordem das respectivas precedências, o conservador e mais ministros da Universidade, e por fim os professores do Real Colégio das Artes, ocuparam as bancadas que se haviam colocado à direita da presidência; em frente dêstes, nas bancadas da esquerda, sentaram-se os oficiais e soldados do corpo militar académico; os outros estudantes encheram o resto da sala, e estenderam-se cá fora pela *via-latina;* os convidados estiveram nas tribunas.

Então o vice-reitor, sentado e coberto com o barrete doutoral, pronunciou um discurso laudatório e muito encomiástico; e em seguida, erguendo-se e descobrindo-se, desempenhou-se da missão, que o príncipe-real lhe dera, de louvar o patriotismo dos militares académicos e de lhes agradecer a fidelidade e zêlo com que se sujeitaram a tantos sacrifícios e incómodos, arriscando até a própria vida, em defesa da Pátria [1].

José Clemente Pereira, cuja presença em Coimbra era registada pouco dias antes, de certo não faltou a esta solenidade, onde tinha lugar tão distinto. Foi o último acto universitário em que tomou parte: acto triunfal, com que viu brilhantemente coroada a sua carreira de académico.

Mas a Universidade é que ainda não tinha pronunciado a seu respeito a última palavra. Precisava de dar informações oficiais ao príncipe-regente, em conformidade com a carta-régia de 3 de Janeiro de 1782, sôbre cada um dos que haviam êste ano concluído o seu curso, ou pela formatura, ou pelos gráus superiores de licenciatura ou doutoramento. Estas informações eram enviadas todos os anos para Lisboa, afim de poder o govêrno escolher, entre os habilitados pela Universidade, os que melhores garantias oferecessem de que bem serviriam a Pátria nos diversos cargos públicos.

Na Faculdade de Cánones não houvera êste ano doutoramentos

[1] Doc. XVII, infra.

nem licenciaturas; era portanto sôbre os seus 49 bacharéis recèm-formados, que tinha de dar informações.

Os quesitos, formulados pela lei, sôbre que recaíam as votações de informação, variaram de época para época; quando José Clemente se formou estavam fixados os três seguintes:

— 1.º ¿ Qual o seu procedimento e costumes ?

— 2.º ¿ Que merecimento literário tem ?

— 3.º ¿ O que há a esperar dêle, quanto a prudência, probidade e desinterêsse ?

Era pois sôbre estes quesitos que haviam de se pronunciar, por escrutínio secreto, todos os lentes que tinham sido professores dos novos bacharéis formados, durante o seu curso universitário, quer pertencessem ao quadro da Faculdade de Cánones, quer ao da Faculdade de Leis. Reuniam-se em congregação extraordinária, para êste efeito especialmente convocada.

Juntou-se êste conselho a 19 de Dezembro do referido ano de 1809, sob a presidéncia do doutor Manuel Pacheco de Resende, lente de Teologia, que estava servindo de vice-reitor; desempenhou as funções de secretário o da Universidade, Vicente José de Vasconcelos. Assistiram, como vogais, os lentes de Cánones doutores Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcelos, José Inácio da Rocha Peníz, João de Magalhães e Avelar, António José Saraiva do Amaral, Antonino Garcia Pereira, José Fernandes Álvares Fortuna, José Teles da Silva, e Luís da Cunha de Abreu e Melo; e os lentes de Leis, doutores José Carlos Barbosa de Sousa, Joaquim de Seixas Denís, e Narciso Joaquim de Araújo Soares. Eram portanto onze votantes.

Anunciado o nome de cada um dos bacharéis ùltimamente formados, o secretário indicava pela sua ordem um dos três quesitos, e corria com a urna na mão, uma pequena urna cilíndrica forrada de veludo verde, a fila dos lentes; cada um dêstes lançava nela o seu voto, escrutinando-se logo a seguir. Indicava outro quesito, e seguiam-se idénticas operações. O mesmo com o terceiro quesito. Nas votações do 1.º e 3.º, cada lente lançava na urna uma pequena esfera, branca ou preta, para aprovar ou reprovar; na 2.ª, porém, in-

troduzia nela um pequeníssimo rectángulo de papel, dobrado ao meio, tendo na face interior uma das quatro expressões: — *Muito bom*, *Bom*, *Suficiente*, ou *Medíocre*.

Nesta monótona tarefa já o secretário havia feito o giro com a urna 99 vezes, para se apreciarem trìplicemente os méritos de 33 bacharéis, quando é anunciado o 34.º: — «*José Clemente Pereira*, *filho de José Gonçalves*, *natural de Ádem*, *comarca de Trancoso*».

Mais uma vez o secretário enuncia o 1.º quesito: — «*¿ Em procedimento e costumes ?*». — Corre a fila dos lentes com a urna, para estes votarem, e apresenta-a ao presidente, sentado na cadeira de espalda à cabeceira da mesa, ladeado pelos dois lentes mais antigos, que servem de escrutinadores. O vice-reitor interino abre-a, e lança o conteúdo sôbre a superfície encerada da mesa. Dez esferas de marfim correm em diversos sentidos, e pelo meio delas escorrega doudejante uma igual, mas de polido azeviche. O presidente proclama, e o secretário escreve na relação, onde por baixo de cada nome dos bacharéis estavam já indicados os três quesitos: — «*Aprovado por dez*, *Reprovado por hum*».

Anuncia o quesito 2.º: — «*¿ Em merecimento literario ?*». — Novo giro com a urna, onde desta vez entram cédulas; faz-se o escrutínio, proclama-se o resultado, e o secretário escreve: — «*Bom por dez*, *Mediocre por hum*».

Vem o 3.º quesito: — «*¿ Em prudencia, probidade e desinteresse ?*», — e pelo processo das esferas o escrutínio dá o resultado, que é escrito na relação: — «*Aprovado por dez*, *Reprovado por hum*» [1].

É indiscutível, que entre os lentes que tiveram assento nesta congregação havia um, que tinha má vontade a José Clemente, e que na votação se deixou guiar por essa paixão ruim, isolando-se de todos os seus colegas. Dí-lo a persistência de se manter hostil, êle só, em todas as três votações, não encontrando no bacharel nenhuma das boas qualidades sôbre que se pedia o seu testemunho; confirma-o a discrepância profunda que se manifesta, especialmente na segunda

[1] Doc. XVIII, infra.

votação, entre êle e todos os outros, pois entre o *Bom* que escreveram dez, e o *Medíocre* escrito por um, ainda havia a classe de *Suficiente;* mas nenhum dos dez hesitou em lhe dar a honrosa classificação de *Bom*, enquanto êsse único votou a ínfima que era permitido dar.

¿ Qual o motivo desta evidente má vontade ?

¿ Poder-se há conjecturar qual dos onze lentes, acima nomeados, foi na votação das informações estranha e persistentemente hostil a José Clemente Pereira ?

Eis duas preguntas certamente condenadas a ficarem para sempre sem resposta.

Mas é certo que esta contrariedade, pôsto que desagradável, em nada prejudicava o novo bacharel-formado. A discrepância de um voto não influía no resultado do sufrágio, em que dez juízes se pronunciaram unánimes. As informações dadas eram honrosas, e habilitavam o govêrno a nomear o diplomado para quaisquer cargos da magistratura, quer das colónias quer da metrópole.

O caminho do Brasil estava aberto.

E aqui terminamos estas nossas despretenciosas notas sôbre a vida académica, até hoje quase inteiramente desconhecida, do grande promotor e fautor da independéncia do Brasil — José Clemente Pereira.

DOCUMENTOS

RELATIVOS A

JOSÉ CLEMENTE PEREIRA

I

CERTIDÃO DE IDADE COM QUE FOI INSTRUÍDO O REQUERIMENTO EM QUE SOLICITOU A SUA PRIMEIRA MATRÍCULA NA UNIVERSIDADE

(Sêlo impresso do imposto de 40 réis)

Diz Joze Clemente Pr.ª clerigo *in minoribus* do lugar de Adem filho legitimo dé Joze Gonçalves, e de Maria Pr.ª do m.mo lugar Arciprestado de Castello Mendo Bispado de Pinhel que p.ª haver de se matricular nas aulas da Vniversid.e de Coimbra precisa q̃ o Rd.º Parrocho do m.mo lugar lhe passe por certidão o theor do assento do seo Baptismo; e como este o não pode fazer sem despacho

P. ao m.to R.do Arcipreste do destrito se digne mandar-lha passar.

E. R. M.cê

J. Passe

Sylva.

Em observancia do Despacho do M. R. Sñr Arcipte deste Distrito vi o livro dos Baptizados desta freguesia e nelle a fs. 23 achei hũ asento do theor e forma seguinte = Aos vinte e dois dias do mes de Fevreiro de mil setecentos oitenta e seis Baptizei solemnemente a José filho legitimo de José Gonçalves do lugar da Misquettella, e de Maria Pereira desta freguesia de huma e outra parte he do primeiro Matrimonio: Nepto paterno de Manoel Gonçalves e de Maria Ribeira da Mesquetella, e Materno de Lourenço Pereira de Porto de Ovelha e de Maria João desta freguesia; foram Padrinhos Manoel Montr.º da Mesquetella e sua filha Anna de que fiz este asento dia mes era ut supra. — O Parocho João Ribeiro = E nam se continha mais em o dito asento que aqui copiei do proprio Livro, a que me reporto e jurou o Supp.te que o seu Requerimento não era p.ª caso crime e por me ser esta pedida e mandada passar a passei realm.te: Adem 25 de 7.bro de 1803.

O Abbe André Gonçalves.

Reconheço a letra da certidão supra e signais tanto da certidam como do Despacho serem do Reuerendo Arcipreste deste Arciprestado e Rd.º Abb.e do lugar da Adem o que conheço por lhas ter visto mais vezes... Castello Mendo 28 de 7br.º de 1803. E eu Manoel Jose de Almeyda Tabeliam que o Escreuj e Em publico e Raso assignej.

Em Fe *(Lugar do sinal público)* de verd.e

Gratis

M.el Jose de Almd.a

(Arquivo da Universidade — *Certidões de idade*, vol. 27, fol. 63).

II

TERMO DE MATRÍCULA NO PRIMEIRO ANO JURÍDICO

N.º 20. — Jose Clemente Pr.a, filho de Jose Gonçalves, natural de Lugar de Ade, Comarca de Trancoso foi admittido a este Primeiro Anno Juridico aos 2 do mez de Outubro de 1804, com Certidão de Id.e, e Exames de Lat., Logi., Rhet., e Geom. Do que se fez este Termo, que assinou.

Joze Clemente Pereira

(A. da U. — *Matrículas*, vol. 33, liv. 1, fol. 22).

III

RELAÇÃO DOS ALUNOS NATURAIS DO BRASIL,
MATRICULADOS NO PRIMEIRO ANO JURÍDICO EM OUTUBRO DE 1804,
COM INDICAÇÃO DE FILIAÇÃO,
DE NATURALIDADE, DO RESPECTIVO NÚMERO DE ORDEM NO CURSO,
E DAS SUAS MORADAS EM COIMBRA

1. Alexandre Thomás de Moraes Sarmento, filho de Thomás Ignácio de Moraes Sarmento, natural da Bahia. — *Rua do Norte n.º 66.*
2. Amaro José de Araújo Velasco Camisão, filho de Lázaro Moreira Landeiro Camisão, natural da vila de Sabará, capitania de Minas-Gerais. — *Rua do Fôrno, 131.*
5. Bento Carneiro da Silva, filho de Manoel Carneiro da Silva, natural da vila de S. Salvador dos Campos-dos-Goitacazes, capitania do Rio-de-Janeiro. — *Rua do Fôrno, 131.*
6. Christóvão Pedro de Moraes Sarmento, filho de Thomás Ignácio de Moraes Sarmento, natural da Bahia. — *Rua do Norte, 66.*

31. Domingos José de Freitas, filho de Domingos Luís de Freitas, natural da cidade da Bahia. — *Marco da Feira, 61.*

34. Francisco José de Freitas, filho de Domingos Luís de Freitas, natural da cidade da Bahia. — *Marco da Feira, 61.*

44. Nuno Alves Pereira, filho de Francisco Pereira Alves, natural da Bahia. — *Rua Larga, 186.*

47. Francisco José de Faria, filho de Manuel de Faria, natural de Pernambuco. — *Rua do Fôrno, 130*

57 Lúcio Soares Teixeira de Gouvêa, filho de pais incógnitos, natural do bispado de Mariana, Minas-Gerais. — *Rua do Borralho, 149.*

60. Manuel Pinto Ribeiro, filho de José Ribeiro Pinto, natural da capitania do Espírito-Santo. — *Colégio de S. Jerónimo.*

62. Francisco de Paula Pereira Duarte, filho de Manuel Pereira Duarte, natural da cidade de Mariana, capitania de Minas-Gerais. — *Rua do Borralho, 199.*

63. António José Vicente da Fonseca, filho de João Vicente da Fonseca, natural da cidade de S. Paulo. — *Rua das Colchas, 18.*

71. Thomás António Manoel Monteiro, filho de António Francisco Monteiro, natural de Pernambuco. — *Rua do Borralho, 154.*

79. Affonso de Albuquerque Maranhão, filho de Affonso de Albuquerque Maranhão, natural de Pernambuco. — *Rua da Trindade, 85.*

(Relação dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra no Anno Lectivo de 1804 para 1805, págs. 4-8*)*.

IV

ASSENTO DE EXAME DO PRIMEIRO ANO JURÍDICO

Aos 18 de Julho de 1805 de manhã na Aula competente, sendo presentes os Doutores Lentes, Presidente e Arguentes, se procedeo ao Exame da 41.ª Turma, composta de cinco Estudantes, que vão abaixo nomeados, e frequentarão no presente o 1.º Anno Juridico. E fazendo-se tudo na fórma dos Estatutos, distribuidos e regulados os votos sobre o seu merecimento, sahirão com as qualificações seguintes:

D. M.el Fran.co de Portugal e Castro — Approvado Nemine Discrep.te
Luiz Pinto Cald.ra de Mendanha — O mesmo. —
Paulo Gomes de Abreu — O mesmo. —
Ant.º de Lacerda Pinto — O mesmo. —
José Clemente Pereira — O mesmo. —
Do que se fez este Assento.

Simão de Cordes Br.dão *Francisco Jaques Salinas.*

(A. da U. — *Exames do 1.º anno juridico*, vol. 5, fol. 17).

V

ASSENTO DO ACTO DO QUARTO ANO
E DA COLAÇÃO DO GRAU DE BACHAREL EM CÁNONES

Acto e Exame de José Clemente Pereira, filho de José Gonçalvez, natural de Adem, Com.ca de Trancoso.

Aos 10. de 9.bro de 1808 na Sala pública, sendo Presidente o Doutor Luiz da Cunha de Abreu e Mello e Examinadores os Doutores Lentes Arguentes, fez Jose Clemente Pereira o seu Exame das Disciplinas do 4.º Anno de Canones que frequentou no presente. E fazendo-se tudo na fórma dos Estatutos, distribuidos e regulados os votos sobre o seu merecimento, sahio Appr. Nem.e Discrep.e E prestando o juramento da Conceição, o dito Presidente lhe conferio o grao de Bacharel pela autoridade, de que usa. Do que se fez este Assento.

Luis da Cunha de Abreu e Mello, P. *João de Mages e Avelar.*

(**A. da U.** — *Autos e graus em Canones*, vol. 7, fol. 103 v.º).

VI

CARTA RÉGIA AO VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE,
ORDENANDO-LHE QUE ORGANIZE UM CORPO MILITAR ACADÉMICO,
QUE FICARÁ SOB O SEU COMANDO ASSIM COMO TODOS OS CORPOS ARMADOS DE COIMBRA,
E MANDANDO FECHAR A UNIVERSIDADE NO PRESENTE ANO LECTIVO

Manoel Paes de Aragão Trigoso, do Mêo Conselho, Desembargador Honorario da Meza do Desembargo do Paço, Vice Reitor da Vniversidade de Coimbra: Amigo — Eu o Principe Regente vos Envio muito saudar. — Obrigando os esforços do Inimigo comum a armar toda a Nação para lhe resistir, e tendo mostrado o Corpo Academico o sêo Patriotismo, aptidão, e valor na feliz Restauração destes Reinos: Sou Servido, que façaes organizar sem perda de tempo o dito Corpo, que deve compor-se dos Lentes, Substitutos, Oppozitores, e Estudantes, q̃. forem capazes de pegar em armas, para que bem armado, e disciplinado concorra p.ª a defeza dos meus Reinos, debaixo do Vosso Comando, como Chefe delle; Outro sim Sou Servido, que comandeis igualmente os mais Corpos armados dessa Cidade. E finalmente serviço he incompativel com as liçoens, e frequencia das Aulas, Mando que a Vniversidade se feche no presente anno lectivo: O que Me parecêo parteci-

par-vos para que assim o tenhaes entendido, e assim se execute. Escripta no Palacio do Governo em 2 de Janeiro de 1809.

Marquez de Minas
Francisco da Cunha e Menezes
D. Francisco Xavier de Noronha

Para Manoel Paes de Aragão Trigoso, Vice Reitor da Vniversidade de Coimbra.

Cumpra-se, e registe-se, e se passem logo as ordens necessarias.
Coimbra, 4 de Janeiro de 1809.

Vice Reitor.

(**A. da U.** — Registada in *Reflaçoens e Organização do Corpo Militar Academico*, vol. 1, fol. 6 v.º).

VII

NOTÍCIA OFICIAL SÔBRE O BATALHÃO ACADÉMICO DE 1809

Memoria, que entregou ao Ill.mo S.or Vice Reitor desta Universidade o Major do Corpo Militar Academico, José Ignacio da Rocha Peniz, Terceiro Lente de Canones, e Collegial do R. Collegio de S. Pedro.

Aos 29 de Março do corrente anno o Exercito Francez, comandado por Soult, assaltou, tomou, e saquiou a Cidade do Porto. A certeza desta Invazão, e das scenas horrorosas, que a acompanhavão, chegou a Coimbra na tarde do dia 30. Pessoas de todas as ordens, sexo, e idade: familias fugitivas, dispersas, e destituidas de todo o socorro, acompanhavão a triste, e calamitosa noticia; e Coimbra em poucos instantes foi o theatro dos sustos, e confuzão; todos querião resistir ao Inimigo, e ninguem sabia o lugar, o modo, o meio da resistencia: todos querião escapar às iras do Exercito devastador, e ninguem sabia aonde esconder-se; os Officios Divinos cessarão nos Templos, os alaridos retumbavão nas ruas, os tambores sem tino, nem destino atroavão as Praças, e augmentavão o espanto e a confusão.

Em meio da tormentosa consternação o Ill.mo General Nicolao Trant, Governador Militar de Coimbra, conservou a resolucão, prevenção, e actividade, que caracterizão o grande genio, que a Providencia faz apparecer para salvar homens, e amparar Provincias. Projectou elle por manobras acertadas ganhar tempo, e confiança para organizar hum Exercito, cobrir todo o territorio do Mondego ao Vouga, deter o Inimigo em suas rapidas incursoens, disputar-lhe os passos, cortar-lhe os viveres, encerra-lo no Porto, e combatello alem do Douro. Persuadio-se

o Bravo General, de que sêo projecto se realizaria se fosse sustido por homens intrepidos, briozos, sofredores, inteligentes, e obedientes á sua voz; e por gloria da Universidade, lembrou-se de que nella os acharia, quaes convinhão ao sêo heroico designio. = Na tarde do mesmo triste dia por ordem do Ill.mo S.or Vice Reitor Manoel Paes de Aragão Trigozo, congregou-se o Corpo Militar Academico no largo da Feira Ali os Officiaes Maiores do mesmo Corpo altamente proclamarão, que o Ill.mo S.or Vice Reitor permitia, que 150 Academicos seguissem voluntariamente o Ill.mo General Trant. A esta propozição, quantos estavam presentes offerecerão-se voluntariam.te e na manhã de 31 apparecerão promptos, e armados 206 Fuzileiros Academicos, alguns de Cavallo, e 80 Artilheiros, conduzidos pelos Lentes Fernando Saraiva Fragozo de Vasconcellos, Jose Bonifacio de Andrade e Silva, José Ignacio da Rocha Peniz, e pelo Oppositor Manoel de Serpa Machado. Com elles se incorporou no Lugar de Fornos, o Oppositor Faustino Simoens Ferreira. = Marchando soube o Ill.mo General Trant, que varios Corpos Francezes havião passado o Douro, que se dirigião à Terra da Feira, Grijo e Ovar, e lançavão patrulhas até S. João do Louro. Parou nos Fornos o Corpo Militar Academico; e nos dias que ahi se deteve, sem descanço ate huma hora, depois do Nacimento do Sol, guardava, e rondava as Estradas que do Porto conduzem a Coimbra por Aveiro, e Mealhada. = Em columna caminhava o Corpo Militar Academico do Lugar da Venda Nova para a Villa de Eixo, quando o Inimigo rompia nas Pontes do Vouga e Marnel. Hum falso rebate se diffunde por Agueda, e Freguezias circumvizinhas, reputa-se cortado o Corpo Academico; mas sem perder a coragem, elle retrocede na milhor ordem para postar-se nas alturas de Mortede, e recolher ali os Soldados e Melicianos debandados em Agueda. = Ao tempo do rebate acazo se achavão no Sardão, como ajudantes de Campo os Academicos Sarmento, e Gama enviados pelo Ill.mo General Trant ao Tenente Coronel Campbell. O Bravo Inglez os encarrega das baterias do Espinhel, e Monte do Sardão, e ambos desempenhão a honrosa comissão com intelligencia, vigilancia e intrepidez. = Chegado o Corpo Academico a Agueda compoz-se delle a Presidencia, e Vogaes do Conselho Permanente da Segurança, e Policia do Exercito. Este Conselho reduzio á ordem, e disciplina, os Soldados e Paizanos inquietos, repremio a insubordinação, evitou a espionagem inimiga, e tranquilizou os Cidadaons pacificos e bem intencionados. = Durando o tempo, que o Exercito acampou entre os rios Agueda, e Vouga, sempre que se intrevio suspeita de perigo, ao Corpo Academico se confiou a guarda do General, a exploração veridica, e circumstanciada dos movimentos do Inimigo, e a defeza dos postos mais ameaçados da Invazão. Foi por estes motivos, que ao Corpo Academico se incumbio a guarda, e defeza do Váo da Fontinha no Vouga e nas arriscadas circumstancias da noite de 18 de Abril, foi ao m.mo Corpo, que o General entregou a defeza das Pontes do Marnel e Vouga, sobre cujas alturas permanecêo a Artilharia Academica até á chegada do Exercito Auxiliar Inglez. =

Postado o Corpo Academico nos montes de Serem, meia legoa alem do Vouga, fez a guarda avançada de todo o Exercito, a piquena distancia das Vedetas inimigas. Era de suma importancia que os Francezes acampados em Albergaria Nova, ignorassem o numero, e movimentos das Tropas combinadas; incumbio-se ao Corpo Academico esta vigilancia, e elle a desempenhou com tanta exactidão, e intelligencia, que o Inimigo soube, que era attacado, quando na manhã de 10 de Maio vio deante de si a linha da Batalha. = No conflito imprevisto oppoz elle seos Volteadores, mas o Ill.mo General Trant dêo ordem para que do Corpo Academico sahissem quantos quizessem empregar-se em Caçadores; todo o Corpo se offerecêo com alegria; todo queria partecipar deste honroso, e arriscado perigo: a linha de Batalha hia a ser interrompida, todos os Academicos se transformarião em Cassadores, se não fossem detidos pela Voz do Ill.mo General. Mais da quarta parte do Corpo com intrepidez, e destreza desempenhou o voluntario exercicio; e por sêo fogo acertado fez callar o do Inimigo; perseguio-o ate o Rio Ul, e colheo-lhe hum obuz dos dois, que compunham sua Artilharia volante. = No Sitio do Epirito S.to, imediato ao Lugar do Corvo, quiz o Ill.mo General Trant 50 Cassadores Academicos: todos desputarão a honra deste serviço. Para cessar a competencia foi indespensavel designa-los. Embarcarão elles com os Cassadores Inglezes em Quebrantoens, apportarão no prado, combaterão no alto do Seminario de S. Bruno, em o largo da Oliveira, no Padrão de Campanham, na Ponte das Pullas, na estrada do Bom Fim, descobrirão as embuscadas do Inimigo, e seguirão sêo alcance ate Rio Tinto, huma legoa alem do Porto. = Tres peças do Parque Academico assestadas nas baterias da cerca da Serra, sustentarão, e protegerão o desembarque; as cinco restantes servidas por Artilheiros Academicos, forão as primeiras, que entrarão no Porto, e as que perseguirão o Exercito fugitivo. = Desde que começou o attaque do Douro o Corpo Academico em Columna permanecêo postado no sitio da Bandeira sobranceiro ao Rio; e na Praça Nova do Porto desde as 9 horas da manhã, até as 11 da noite, prompto para reforçar, e suster a Tropa combinada, se o Inimigo em sua fuga parasse, ou tentasse resistir. = Quantos officios, e indagaçoens importantes se participarão entre o Ill.mo General Trant, e os diversos Generaes, forão confiadas ao segredo, promptidão, e destreza dos Academicos, Ajudantes de Campo; Coimbra, Leiria, Lisboa, Thomar, Abrantes, Vizeu, S. Pedro do Sul, Amarante, Chaves, e Galiza, os virão cada dia diligentes, e incãsaveis no desempenho destas comissoens. = Por ordem do Ex.mo S.or Marechal Beresford por muitas vezes convidados a receberem Soldos, e fardamentos competentes aos postos, que occupavão desde que sahirão de Coimbra, ate que a ella tornassem, constante e generosamente recuzarão, ou gratificação numeraria. = Aquartelado o Corpo Academico no Porto teve a sêo cargo a conservação da Policia, e a importante guarda dos Prezioneiros, e Navios sequestrados pelos Francezes. Mandado marchar para Almeida, Penamacor e Fundão, a obediencia, e a intrepidez conti-

nuarão a servir-lhe de Guias, ate que se restituio á Universidade. = Sem a heroica resolução do Ill.mo General Trant não se desenvolveria utilmente o prestimo e brioza coragem do Corpo Militar Academico; Sem este leal, e bem entendido Patriotismo, não se organizaria o Exercito do Vouga; Sem esse Exercito o Inimigo conduziria suas requisiçoens, depredaçoens e incendios ate ás portas de Coimbra, e não retrocederia para a Terra da Feira, Grijo, e Albergaria Nova: Sem aquelle retrocesso era difficil, que o Exercito combinado apparecesse de improvizo sobre as margens do Douro, restaurasse por hum golpe de mão o Porto, e expellisse o Inimigo para la das Fronteiras do Reino. = Quando o Ill.mo General Trant em 15 de Julho, e o Ex.mo S.or Marechal Beresford em 4, 5, e 24 de Agosto testemunhão seos agradecimentos ao bom serviço, e credito distincto, adquirido pelo Corpo Militar Academico nesta campanha: quando ambicionão seos Alumnos, e os convidão para Officiaes nas Tropas de Linha, prodigalizão louvores a quem se mostrou digno de merecellos =Testemunhos tão authenticos de Generaes circumspectos, bravos, e abalizados na grande tatica militar, recebem hoje o maior, e mais apreciavel complemento na Benevolencia, com que S. A. R. á face da Universidade e do Mundo inteiro, se Digna Louvar e Agradecer o Patriotismo, valor e desinteresse destes Alumnos Benemeritos da Patria. &. &.

(**A. da U.** — Registada in *Rellaçoens e Organização do Corpo Militar Academico*, vol. 1, fol. 3 v.º-6).

VIII

EXCERPTOS DA PRIMEIRA DAS MEMÓRIAS AUTÓGRAFAS SÔBRE O CORPO MILITAR ACADÉMICO, DEIXADAS PELO COMANDANTE DO REFERIDO CORPO, O DESEMBARGADOR FERNANDO SARAIVA FRAGOSO DE VASCONCELOS, LENTE DE PRIMA DA FACULDADE DE CANONES, E REGISTADAS EM LIVROS ESPECIAIS NO ARQUIVO DA UNIVERSIDADE

Relação dos Academicos e Aggregados, que servirão no Corpo Academico Militar, em as Expediçoens do Vouga, e Porto, e nas marchas do Porto para as Fronteiras em o anno de 1809.

. . . . . .

. . . . . .

Infanteria.
Companhia primeira.

. . . . . .

. . . . . .

Desta m.ma 1.ª Comp.ª os seguintes andarão servindo em algumas Poziçoens da

margem esquerda do Vouga, não se acharão nas Acçoens de Albergaria, e Porto p.r terem ficado atraz, ou em diligencia ou Doentes, ou por outra cauza. Mas vieram-se reunir ao Porto, ou logo, ou mais hum pouco depois da sua Restauração, e servirão na sua Guarnição.

. . . . . .

. . . . . .

José Clemente Pereira, Estud.e do 5.º anno de Canones natural de Ado, Termo de Castello Mendo. —

Tendo-se ajuntado em Agueda, ficou depois ahi p.r Doente.

Accompanhou sempre o Corpo Academico nas marchas do Porto as Fronteiras, e Coimbra

. . . . . .

. . . . . .

(A. da U. — Registada in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, vol. 1, fl. 16-61 v.º).

IX

EXCERPTOS DA SEGUNDA DAS MEMÓRIAS AUTÓGRAFAS SÔBRE O CORPO MILITAR ACADÉMICO, DEIXADAS PELO COMANDANTE DO REFERIDO CORPO, O DESEMBARGADOR FERNANDO SARAIVA FRAGOSO DE VASCONCELOS, LENTE DE PRIMA DA FACULDADE DE CANONES, E REGISTADAS EM LIVROS ESPECIAIS NO ARQUIVO DA UNIVERSIDADE

Relação dos Academicos, e aggregados, que servirão no Corpo Academico Militar em as Expediçoens do Vouga, e Porto, e na marcha para as Fronteiras em o anno de 1809.

Consternada Coimbra com a noticia da entrada do inimigo em o Porto, se entendeu o Coronel Nicoláo Trant com o Vice Reitor da Vniversidade Chefe do Corpo Academico Militar. Logo no outro dia 31 de Março de 1809, formando-se o dito Corpo com os que comparecerão, sahio de Coimbra ás Ordens, e unido á Devizão do dito Coronel, e foi pernoitar nos Fornos, aonde esteve postado até 6 de Abril, em que marchou para as Vendas Novas: No seguinte chegou perto da Palhaça, e sobrevindo noticias de se achar cortado, contra-marchou para as Vendas Novas: No dia 8 marchou por Avellans para Agueda, onde esteve postado alguns dias, e estando proximo a marchar para postar-se mais perto do inimigo, que andava nas terras da margem direita do Rio Vouga, o dito Coronel Comandante da Devizão providenciando a falta dos Officiaes, que não comparecião, provizionalmente auctorizou, e approvou para este Corpo os Officiaes referidos nesta seguinte relação de 16 de Abril.

. . . . . .

. . . . . .

Provido assim o Corpo marchou a 17 para a Villa da Trofa, e dahi a 19 se adiantou para a pozição de Segadens donde foi à revista, que fez á sua Devizão o dito Coronel no Campo da Mourisca; donde, sendo mandados para outros postos outros corpos, este foi ficar em armas no outeiro sobre a ponte do Marnel toda a noite de 23 para 24, na qual ahi esteve esperando com determinada firmeza o inimigo, que repetidas noticias dizião ter acabado de dispersar huma Guarda avançada, e marchar a ataca-lo por instantes. Na manhã do dia 24 se aquartelou em Pedaçaens, junto do dito posto, que ficou guardando athe ao dia 2 de Maio, em que ficando ahi a artelharia se foi postar a Infantaria na Villa da Aguieira. Meteu guardas, e fez outros Serviços nas ditas poziçoens com zelo, lealdade, e firmeza, para se precaverem os ataques do inimigo, que tiranizando as terras da Margem direita do Vouga pretendia passar ás da esquerda. Devendo-se a estes Serviços do Corpo Academico Militar, e aos dos outros Corpos da Devizão do dito Coronel sabiamente dirigidos por elle, o impedir-se que o inimigo muito Superior em numero forçasse as poziçoens da dita Devizão, e passasse o Vouga. No dia 8 de Maio o mesmo Corpo Academico Militar passou o Vouga para Serem, aonde ficou fazendo huma importante guarda até ao dia 9. A 10 marchando depois da meia noute entrou sendo manhã na acção de Albergaria, na qual cooperou formando em Linha de batalha na frente do inimigo, tendo a sua artelharia no flanco direito, avançando a atacá-lo com o resto da linha, tendo destacado para mais perto delle muitos Caçadores (dos quaes hum foi ferido, e morto segundo algumas noticias, que porem se não tem acabado de verificar) alem dos Academicos, que servirão de Caçadores montados debaixo das Ordens do Ex.mo Coton, e perseguindo-o em huma rapida marcha até ao Rio Ul, seguiu-o ainda de tarde, e foi pernoitar a hum pinhal junto a Madail. A 11 fez huma apressada marcha para Villa da Feira, e Cruzes das Vergadas até ao Corvo aonde pernoitou em outro pinhal. A 12 foi a restauração do Porto, para a qual cooperou entrando em Armas na Cidade, no tempo que lhe foi determinado, não se desviando do Lugar, que lhe competia em o Exercito. Tendo antes entrado a sua artilharia, que atravessando a Cidade supportou o fogo do inimigo, e o seguio até ao alto para Rio Tinto. E tendo mais antes passado o Douro mais acima muitos seus Caçadores Infantes, que atacarão, e perseguirão o inimigo, ficando feridos alguns delles. Restaurada esta Cidade, ahi ficou entrando no detalhe da sua guarnição com o seu Comandante, e Capitaens, que servirão quãdo lhe competiu de Official do Dia, e Capitaens do Dia, e fazendo privativamente com hum seu Official Subalterno o Corpo da Guarda principal, sendo-lhe incumbidas outras Guardas, e deligencias.

A 24 de Julho sahio do Porto este Corpo Academico Militar marchando para as Fronteiras por Ordem do Ex.mo Marechal Beresford, e por Penafiel, Mezamfrio,

Lamego, Aguiar da Beira, e Pinhel chegou a Almeida a 5 de Agosto. Sendo-lhe ahi intimado que convinha, que fosse postar-se em Penamacor, marchou a 6, e occupou essa pozição desde 9 até 18, entretanto que o Exercito Portuguez, e o do inimigo se movião tãobem com a mesma direcção em as vizinhas Fronteiras de Espanha. A 18 executou a Ordem do Dia 24[1] de Agosto, na qual o dito Ex.mo Marechal reconhecendo a Lealdade ao Principe, e o amor da Patria, que dirigirão os acima indicados Serviços os considera, como dignos d'approvação, e que fazem a maior honra aos que os prestarão, e não instando já a necessidade da sua continuação, quiz que este Corpo se recolhesse. Marchou por tanto dahi a 27, e atravessando a Serra pela aspera passagem dos Assores, chegou a Coimbra, e aqui fez alto a 2 de Setembro de 1809.

Prestarão estes Serviços

. . . . . .

. . . . . .

Infantaria
1.ª Companhia

. . . . . .

. . . . . .

Classe 6.ª

Desta mesma 1.ª Companhia os seguintes andarão servindo em alguma, ou algumas das poziçoens, emque este Corpo Academico esteve postado antes de passar o Rio Vouga, e não se acharão nas Acçoens d'Albergaria, e Porto por terem ficado atraz ou em diligencia, ou doentes ou por outras causas, mas vierão reunir-se ao Porto ou logo ou mais hum pouco depois da sua restauração e servirão na sua guarnição.

75. . . . . .

. . . . . .

84. Joze Clemente Pereira, Estudante do 5.º Anno de Canones, natural de Ade, termo de Castello Mendo, Comarca de Trancozo, veio ajuntar-se antes de 13 d'Abril em Agueda, e ficando ahi doente, veio reunir-se ao Porto depois da sua restauração antes de 23 de Maio.

Acompanhou a marcha das Fronteiras desde o Porto ate ao Fundão. Lista 60, Liv. 22.

. . . . . .

. . . . . .

(A. da U. — Registada in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, vol. 2, fols. 7-62).

[1] Aliás 14.

X

COMUNICAÇÃO DE TRANT, COMANDANTE DAS ARMAS NO PÔRTO,
AO COMANDANTE DO CORPO MILITAR ACADÉMICO,
REFERINDO-SE AOS ESTUDANTES EM TERMOS MUITO ELOGIOSOS; RESPOSTA DÊSTE ÀQUELE

Porto 13 de Julho de 1809. = Señr =Tenho a honra de vos fazer saber que esta manhã recebi ordem do Feld Marechal Commandante em Chefe para vos participar as Instrucçoens para por os Estudantes ou o Corpo Academico de Coimbra promptos a marchar ao mais leve avizo, servindo-vos de dar as vossas direcçoens nesta conformidade = Eu tenho de informar-vos que S. Ex.ca o Marechal Beresford me tem alem disto ordenado de dar Ordem de pagamento de hum mez, a saber, do 1.º de Junho ate o 1.º de Julho inclusive, fazendo 30 dias. «Este pagamento hade «ser entregue ou a Vós como Official Commandante, ou a hum Cõmissario como «o Corpo julgar mais conveniente, consequentemente elle será applicado áquelles «fins que elles geral, e individualmente julgarem mais necessarios, e urgentes». = O que eu aqui tenho marcado he hum extracto da Carta original, que me foi dirigida pelo Coronel Durban, Quartel Mestre Gen.al. =Tenho a honra de ser — Señr = Vosso mais obediente, e humilde Servidor =

N. Trant, Commandante do Porto.

Coronel Fernando Saraiva Fragozo de Vasconcellos, Commandante dos Estudantes de Coimbra.

Resposta

Ill.mo e Ex.mo Señor.=Ontem mesmo communiquei ao Corpo Academico Militar a Ordem, que em data do mesmo dia V. Ex.a me dirigio. Todos elles tem a maior satisfação de terem militado debaixo das ordens de V. Ex.ca, e a continuarão a ter se debaixo das mesmas sabias Ordens for a marcha, para que V. Ex.ca os manda advertir: ouvirão a Ordem de V. Ex.ca, e desde ja ficão promptos para marchar, excepto os impedidos por molestia, ou por alguma outra justa causa. = Emquanto ao outro ponto dizem que elles se apromptarão para militar gratuitamente; que havendo mesmo entre elles alguns com meios não muito promptos de subsistencia, nunca solicitarão soldo, e que ja o não quiserão acceitar huma vez que se lhe offereceu. E que seria para elles hum desgosto muito sensivel ver os seus serviços militares misturados cóm ideas de soldo, ou outra qualquer couza que o pareça. Que ja receberão por elles hum grande premio, qual he a satisfação de terem sido uteis á Patria, e que estão certos que o Principe Regente Nosso Senhor ha de

cumprir as suas liberalissimas Reaes Promessas. = Quartel do Porto 14 de Julho de 1809.

Fernando Saraiva Fragozo de Vasconcellos, Comandante do Corpo Academico Militar.

(A. da U. — Registada in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, vol. 2, fol. 71).

XI

COMUNICAÇÃO FEITA POR ORDEM DO MARECHAL BERESFORD AO CORPO MILITAR ACADÉMICO, EM QUE ÊSTE É HONRADO COM GRANDES ELOGIOS, E SE OFERECE AOS ESTUDANTES NELE ALISTADOS, QUE ISSO DESEJEM, SEREM PROMOVIDOS A OFICIAIS DE TROPA DE LINHA

O Señr Commandante do Corpo Academico partecipa que o Ill.mo e Ex.mo S.r Brigadeiro Governador desta Praça lhe communicou de Ordem, e em nome do Ill.mo e Ex.mo S.r Marechal Beresford, Commandante em Chefe do Exercito, que o mesmo Ill.mo e Ex.mo S.r Marechal dezejava demorar-se para ver este Corpo, que muito estima pelas acçoens de Patriotismo, com que se tem distinguido, mas que não podéra satisfazer o seu dezejo em razão da marcha que tinha de fazer. Que este Corpo que tinha acudido tão promptamente, e trabalhado tão constantemente em as perigozas circunstancias, em que a Patria se vio, para bem da mesma Patria devia ser conservado dentro do Reino = Que pelo credito, que tinhão ganhado os Senr.es Academicos, os quiz em esta Praça por lhe parecer, que então as circunstancias exigião aqui os Serviços de huns taes Patriotas: Que porém as circunstancias actuaes o persuadião que agora esses Serviços milhor podiam ser feitos, e com maior utilidade da Patria em a pozição de Penamacor, e que por isso lhe mandava propor se concorrendo tão louvavelmente para se empregarem no Serviço, que naquellas circunstancias seria util, queria agora ver pôr-se promptos para o prestar na dita pozição, em aqual nas actuais circunstancias poderá ser mais honrozo aos Señr.es Academicos, e mais vantajozo á Patria. = Que desejando que se principiassem a premiar os Serviços, com que tanto se tinham distinguido os Señr.es Academicos, lhes fazia saber que se quaesquer delles quizessem ser promovidos a Officiaes de Tropa de Linha lho fizessem saber para os propor a Sua Alteza Real. — Quartel de Almeida 5 de Agosto de 1809.

Luis José Correia de Sá.

Attesto que o Ill.mo e Ex.mo S.r Marechal Beresford me mandou participar o contheudo deste ao S.r Commandante do Corpo Academico Militar. — Almeida 5 de Agosto de 1809.

Guilherme Cox, Brigadeiro-Governador da Praça.

(A. da U. — Registada in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, vol. 2, fol. 73).

XII

OFÍCIO DIRIGIDO PELO COMANDANTE DO C. M. A. AO MARECHAL BERESFORD,
DANDO CONTA DO ESTADO DO CORPO,
AGRADECENDO A HONRA E DISTINÇÃO DISPENSADA AO MESMO EM ALMEIDA,
E REMETENDO OS REQUERIMENTOS DOS ACADÉMICOS
QUE DESEJAVAM APROVEITAR O FAVOR DE PASSAREM A OFICIAIS DA TROPA DE LINHA

Ill.mo e Ex.mo S.r = O Corpo Academico Militar, que tenho a honra de commandar, obedecendo promptamente ás Ordens de V. Ex.ca marchou no dia 24 de Julho do Porto para Almeida, onde chegou no dia 5 deste mez: e dahi conformemente á vontade de V. Ex.ca com toda a promptidão marchou no dia 6 para esta Praça, onde chegou no determinado dia 9 deste mesmo mez. = Em Almeida todo este Corpo ficou summamente obrigado a V. Ex.ca pelas participaçoens que lhe dirigio, e pela distinção, e honra que lhe fez no modo com que foi servido communicar-lhas. Todo elle, e eu em meu, e seu nome agradecemos a V. Ex.ca tantos favores, e obzequios, e dezejamos continuar a merece-los. = Muitos dos Matriculados na Universidade, e os aggregados, que tem servido, e servem neste Corpo se querem já approveitar do favor, que V. Ex.ca se dignou offerecer, e me entregarão os seus requerimentos, que com este remetto, para que attendendo V. Ex.ca aos merecimentos de cada hum se digne promover as suas pretençoens. = Remetto tãobem a V. Ex.ca o Mappa do estado, em que se acha este Corpo. Este cresce, e diminue segundo a maior ou menor dificuldade de cada hum prover a sua subsistencia. Nesta Terra não ha assento; tem sido necessario á Justiça o recorrer a embargos para se poder apromptar algumas reçoens para este Corpo, e dizem que não ha mesmo onde se continuem a fazer os embargos. Os Academicos pelo seu dinheiro não achão aqui algumas couzas precizas, e outras que achão são por preços exorbitantes. = Não tem aqui correspondencias, nem faceis correspondencias. O mesmo Correio aqui não he prompto para as Provincias do Norte, donde vem a dificuldade de aqui serem assistidos pelas suas familias das couzas mesmo que ellas lhes quererão mandar. Estas são humas razoens porque muitos dos Academicos, que sahirão do Porto, ou depois se ajuntarão na impossibilidade de aqui subsistirem, talvez contra a sua vontade, e com a de voltarem com alguns meios de subsistir, se tem auzentado sem licença, como V. Ex.ca verá no Mappa, que remetto. = Tenho formado hum Corpo de Guarda com sentinellas ás portas. Mandei hum Piquete de cavallaria para Aranhas para ahi vigiar, e dar-me parte. Mandei hum a Raia, e mesmo a dentro de Hespanha, para explorar, e dar-me conta do q̃

por lá achar. E fico esperando as Ordens de V. Ex.ca = Deos Guarde a V. Ex.ca m.e an.e Quartel de Penamacor 14 de Agosto de 1809.

Fernando Saraiva Fragozo de Vasconcellos, Comandante do Corpo Academico Militar.

(**A. da U.** — Registado in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, vol. 2, fol. 74)

XIII

OFÍCIO TRANSMITINDO AO COMANDANTE DO C. M. A. ORDEM DO MARECHAL BERESFORD PARA O CORPO MARCHAR PARA O FUNDÃO ATÉ NOVAS INSTRUÇÕES, E PARA ÊLE COMANDANTE LHE IR FALAR A SALVATERRA

Ill.mo Señr. = S. Ex.ca o Senhor Marechal Beresford torna a remetter a V. S.a a relação inclusa, dezejando que V. S.a ponha a idade de cada individuo adiante do seu nome. = Determina S. Ex.ca que o Corpo Academico, que V. S.a cõmanda, marche para o Fundão ate segunda Ordem. = S. Ex.ca manda dizer a V. S.a que dezejava falar-lhe, e o previne que hoje vai ficar a Salvaterra, e que não sabe ainda se lá se demorará ámanhã, ou se passará a Zibreira. = Déos Guarde a V. S.a Quartel General de Zarca 17 de Agosto de 1809.

Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, Coronel Secretario Militar.

S.r Commandante do Real Corpo de Voluntarios Academicos.

(**A. da U.** — Registado in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, vol. 2, fol. 75 v.º).

XIV

AVISO RÉGIO AO VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE PARA QUE ESTA ABRA NO TEMPO COMPETENTE, E PARA QUE, ANTES DE COMEÇAREM OS TRABALHOS ACADÉMICOS, LOUVE E AGRADEÇA EM NOME DO PRINCIPE-REGENTE, NA PRESENÇA DE TODO O CORPO UNIVERSITÁRIO, AOS MEMBROS DO C. M. A., OS SERVIÇOS PRESTADOS, QUE FICARÃO REGISTADOS EM LIVRO ESPECIAL

Tendo-se recolhido o Corpo Academico, que tanto se distinguio em patriotismo, valor, e dezinteresse depois da ultima invazão dos Francezes, para continuar os Estudos; o Principe Regente Nosso Senhor He Servido que no tempo competente se abra a Universidade, que se fechou com poucos mezes de liçoens por cauza da dita invazão; e manda que V. S.a se recolha a Coimbra para fazer os Avizos, e mais dispoziçoens necessarias para o dito effeito; e que antes de começarem os

trabalhos Academicos V. S.ª na prezença de todo o Corpo da Universidade louve, e agradeça no seu Real Nome aos Membros daquelle Corpo, que assim se distinguirão, os seus leaes e honrados Serviços, fazendo escrever os seus nomes em livro separado com a declaração dos ditos Serviços para se conservar perpetuamente na mesma Universidade a memoria destes Alumnos tão benemeritos da Patria, e remettendo-me V. S.ª copia do dito Livro, para ser prezente ao mesmo Senhor. = Deos Guarde a V. S.ª — Palacio do Governo em 11 de Settembro de 1809.

João Antonio Salter de Mendoça.

Señr. Manoel Paes de Aragão Trigoso.

João da Silva Moreira Paysinho.

(**A. da U.**—Registado in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, vol. 2 fol. 1 v.º)

XV

AVISO RÉGIO AO VICE-REITOR INTERINO DA UNIVERSIDADE, DISPENSANDO DOS ACTOS, DEPOIS DE OUVIDOS OS VOTOS DAS CONGREGAÇÕES RESPECTIVAS, OS ALUNOS QUE SERVIRAM NO C. M. A.

Sendo prezentes ao Principe Regente Nosso Senhor os Votos das Congregaçoens das differentes Faculdades dessa Universidade de Coimbra, que lhe forão dirigidos em Officio de oito de corrente, e a que havia mandado proceder: O mesmo Senhor á vista delles, e em attenção aos distinctos Serviços, que fizerão os Estudantes, que se alistarão, e ao seu valor, e patriotismo, Ha por bem conceder-lhes dispensa dos seus respectivos Actos na mesma conformidade, que se concedeu por alguns plauziveis motivos, que occorrerão, pelas Cartas Regias de 29 de Abril de mil sette centos noventa e trez, e de 4 de Abril de 1795; praticando-se porem a respeito dos Actos do 5.º e 6.º anno, o mesmo que se acha expressamente determinado nas ditas Cartas Regias. = Pelo que toca á Faculdade de Mathematica, Determina o mesmo Senhor que a sua respectiva Congregação aponte aquellas providencias que lhe parecerem mais adequadas, para sanarem as Objecções, que ella acaba de expor. O que tudo partecipo a V. M.ce para que, fazendo-o constar onde convier, assim se execute. = Deos Guarde a V. M.ce — Palacio do Governo em 11 de Outubro de 1809.

João Antonio Salter de Mendoça.

Señr. Francisco Antonio Duarte da Fonseca Montanha.

Cumpra-se e registe-se.
Coimbra 13 de Outubro de 1809.

(Rubrica de Manoel Paheco de Rezende,
que servia de Vice-Reitor).

(**A da U.** — Registado in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, vol. 2, fol. 2 v.º).

XVI

DIPLOMAS UNIVERSITÁRIOS

a) — *Carta do grau de bacharel*

IN DEI NOMINE, AMEN

Doctor Franciscus Antonius Eduardus da Fonseca Montanha Oliveira e Silva, Christi Militiæ Eques Professus, Bracarensis Ecclesiæ Canonicus Doctoralis, in Ulisiponensi Curia Gravaminum Senator, in Causis Fidei Judex, in Jure Civili Primarius Professor Emeritus, ac Facultatis Decanus, in Academia Conimbricensi Pro-Rector, &c.: simulque Alma Universitas ipsa palam testamur, certioresque reddimus omnes & singulos, quorum interest præsentes Lítteras inspicere, quod dilectus Nobis Josephus Clemens Pereira, filius Josephi Gonçalves, natus in oppido *Adem*, territorii Trancosensis, Baccalaureatus Gradum in Juris Canonici Facultate laudabiliter & honorifice in Academia Nostra adeptus est, cursibus suis de more peractis, præmissoque Examine publico, in quo a Gravissimis Sapientissimisque Professoribus approbatus fuit, NEMINE DISCREPANTE, cæteris rite ac solemniter observatis secundum prædictæ Universitatis Statuta. Decoratus autem fuit ipso Baccalaureatus Gradu per Sapientissimum Eximiumque Præceptorem LUDOVICUM DA CUNHA ABREU E MELLO, juramento prius præstito, se publice & privatim defensurum IMMACULATAM CONCEPTIONEM DEI GENITRICIS VIRGINIS MARIÆ, die X Novembris A. D. MDCCCVIII, quemadmodum in Libro Examinum, Actuum, & Graduum ejusdem anni fol. cii vers. annotatum est. Cujus rei testimonium publice perhibentes has Litteras prædicto Baccalauro Benemerito dedimus, Subscriptionemque Nostram adjecimus, Sigillo etiam Universitatis appenso. Data Conimbricæ die 31.ª Octobris Anno Domini millesimo octingentesimo nono.

(Seguia-se, na carta original de pergaminho, a subscrição do secretário, a assinatura do reitor, a do chanceler, e o sêlo da Universidade impresso em cêra vermelha, pendente por fitas verdes, incluso em caixa de prata).

---

b) — *Carta de formatura*

EM NOME DE DEOS, AMEN

O D.r Francisco Antonio Duarte da Fonseca Montanha Oliveira e Silva, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Conego Doutoral na Sé Primacial de

Braga, Desembargador dos Aggravos na Casa da Supplicação, Deputado do Santo Officio, Lente de Prima Jubilado na Faculdade de Leis, Decano da mesma Faculdade e Vice Reitor da Universidade de Coimbra, &c.: Faço saber, que José Clemente Pereira, filho de José Gonçalves, natural de *Adem*, Comarca de Trancoso, havendo conseguido o Gráo de Bacharel na Faculdade de Canones, como mostrará por sua Carta, e havendo-se matriculado no quinto anno, foi comprehendido na Graça de 5 do mez de Julho de 1809, de se lhe dar o anno por provado, e habilitado para fazer a sua Formatura, a qual lhe foi supprida pela approvação, que teve de seus Mestres em Congregação de 26 de Outubro de 1809 na fórma das Reaes Ordens de data de 11 do dito mez e anno, como consta do Livro do Registo competente a fol. 9, o qual Me foi presente ao assinar desta. E porque com a referida Approvação, conforme a lei do Reino e Estatutos desta Universidade, póde usar de suas Letras livremente em qualquer parte, lhe Mandei passar a presente por Mim assignada, e sellada com o Sello da mesma Universidade. Dada em Coimbra aos 31 de Outubro de mil oitocentos e nove.

(Na carta original de pergaminho seguia se a subscrição do secretário, a assinatura do reitor, a do chanceler, e o sêlo pendente igual ao da carta de bacharel).

(A. da U. — Caixa dos *Processos de cartas passadas em 1809*).

XVII

NOTÍCIA DA SESSÃO SOLENE REALIZADA NA SALA GRANDE DOS ACTOS DA UNIVERSIDADE, PARA EM NOME DO PRÍNCIPE REGENTE SEREM DADOS AO CORPO MILITAR ACADÉMICO OS DEVIDOS LOUVORES E AGRADECIMENTOS

No dia 11 de Novembro de 1809 se executou o R. Avizo na Salla Grande dos Actos, disposta e ornada na forma seguinte.

As Grades, q̃ fechão a quadratura da Salla forão puxadas até o Doutoral de Mathematica, fechando para cima toda a Salla, esta foi armada de Damasco até o assento dos Doutoraes, e tãobem desde as Grades destes ate o pavim.to, o qual foi todo alcatifado, e se pôz a Cadeira Prelaticia, e banca no lugar, em q̃ se costuma pôr nos Claustros sem taburno algum, porq̃ tendo lembrado ao Señr Vice Reitor pôr hum, q̃ igualasse com o pavim.to dos degráos p.r onde sobem os Prelados a tomarem o seo Lugar nos Doutoraes p.a em cima deste taburno se pôr a d.a Cadeira, e banca, nem a razão de dever o S.r V.e Reitor fallar de modo q̃ fosse ouvido em toda a Salla, p.a o q̃ era conveniente hum Lugar superior, nem m.mo a razão de hir fallar em Nome de S. A. R. o venceu a tomar lugar superior, mas sim aquelle m.mo, q̃ os Prelados costumam tomar nos Claustros, pois q̃ o Corpo Academico ficou no lugar, q̃ costuma occupar nos m.mos Claustros, assim como o Secretario da Univ.de.

A bancada p.ª o Corpo Academico ficou dobrada de hum lado, e outro, e se levou ate o fecho das referidas grades, q̃ se tinhão puxado ate o Doutoral de Mathematica, e toda esta bancada com os seus encostos foi armada de Damasco; das grades p.ª baixo o q̃ restava da Salla foi occupado de Estudantes, e mais concurrentes, q̃ se estenderão p.r toda a via Latina, p.r q̃ o concurso foi extraordinário: todas as tribunas da Salla forão occupadas p.r Conegos, e Officialid.e Ingleza, e Portugueza, e as duas tribunas proximas á Cadeira, huma foi destinada ao Cancellario, e Relação Ecclesiastica, e a outra ao Prezidente e Ministros do S.to Officio.

No pavim.to, e bancada da Salla mandou o S.r V.e Reitor arrumar ao lado direito as seis Faculd.es Academicas pela sua Ordem, principiando pelo Lente de Prima de Theologia, fechando a bancada deste lado direito o Conservador da Universidade, e mais Ministros, e depois os Professores do R. Collegio das Artes. Ao lado esquerdo mandou arrumar o Sr.r V.e Reitor o Corpo Militar Academico, q̃ mandou concorresse em Uniforme Militar, prezidido pelo seu Chefe, e Lente de Prima de Canones o Dez.or Fernando Saraiva Fragozo de Vas.cos, e logo abaixo deste o Major do m.mo Corpo o Dr. Joze Ignacio da Rocha Peniz, Lente de Canones, ambos vestidos com o m.mo Uniforme Militar, e todo este Corpo veio receber o S.r V.e R.or ao fundo da laranja de degráos da varanda da Salla, tomando o d.º Chefe, e Lente de Prima de Canones o seu lado esquerdo, e o Lente de Prima de Theologia o direito; assim entrarão na Salla com o toque de huma magnifica Muzica militar, a milhor q̃ então se achava na Cid.e p.ª a q.l se preparou lugar no fundo da Salla sobre os Doutoraes de Medicina, e Filosofia.

Acabado este toque de Muzica, q̃ foi m.to extenso emq.to se acabavão de tomar os lugares, mandou o S.r V.e R.or q̃ o Secretario da Universid.e se levantasse, e lesse o R. Avizo, o q̃ cumprido tornou a repetir-se a Muzica; acabada a tocata desta principiou o S.r V.e R.or a fallar dizendo com o barrete na mão.

«Muito Sabia, muito Illustre, e muito respeitavel Assemblêa.

«Este he o dia mais feliz, e agradavel, q̃ me tem amanhecido. O Céo, mo concedeo, e a vida, q̃ eu dezejava p.ª ver, e gozar este appetecido dia, tão luzido, e brilhante; a Academia não vio ainda outro similhante. Ella vio em 1645 sahir desta Universid.e em virtude de huma Carta Regia p.ª a fronteira de Elvas o Reitor Manoel de Saldanha com todo o Corpo Academico formado em seis Companhias, com seus competentes Officiaes em numero de 630 homens p.ª defenderem os Direitos da R. Caza de Bragança, e sustentarem no Throno ao Senhor Rei Dom João 4.º Legitimo Successor na Coroa deste Reino; Ella vio em 1808 os Alumnos Academicos tomarem armas na restauração deste Reino, e tirarem p.r seu valôr

do poder dos Inimigos os dois fortes da Figueira, e Nazareth, arrancando de suas muralhas as Bandeiras Francezas, nellas arvoradas, entrando nesta Cidade com ellas arrastadas, e conduzindo-se neste Triumpho ate a Cid.e do Porto p.a as entregar ahi ao Governo Provizional. Serviços tão acceptaveis de S. A. R., q̃ o mesmo Señr. se dignou em sua Carta Regia Manda-los agradecer á Univd.e Ella tornou a ver no prez.te anno de 1809 o Corpo Academico alistado p.r virtude de outra Carta Regia, e formado em Companhias com seus competentes Officiaes, destacar desta Cid.e armado, e commandado pelo Primeiro Lente da Faculd.e de Canones, o Ill.mo S.r Dezembargador Fernando Saraiva Fragozo de Vas.cos, e entregue às Ordens do General de respeitavel nome Nicoláo Trant, fazer barreira formidavel ao Inimigo, e impedir a sua entrada nesta Cid.e ate hir occupar as margens do Vouga, e na Acção d'Albergaria dar as provas mais decizivas de valor, e patriotismo, perseguindo o Inimigo ate a sua expulsão da Cid.e do Porto, e Limites deste Reino. Ella vio emfim, depois da fuga do Inimigo, e sua total expulsão deste Reino, voltar aqui triumphante o Corpo Militar Academico, mandado já depôr as armas, p.a continuar a carreira dos Estudos.

«He hoje porem q̃ esta Academia vê no centro de si m.ma, e desta augusta e magestosa Caza, unida no Corpo Academico a Milicia Armada com a Togada; he hoje que aqui se reprezenta todo o brilhante das letras, esmaltado com o luzido das armas. Aqui se tem ensinado como a Magestade do Imperio deve ser não só ornada com as armas, mas tãobem armada com as Leis, q̃ pela virtude destas se mantem ilezos os Direitos de cada hum, se acautella, que elles não sejão perturbados, e o como he licito repellir a força injusta com outra força oposta.

«Á especulação seguio-se a pratica, pois vendo o Corpo Academico offendidos, e violados os Sagrados Direitos do Nosso Augusto Principe p.r huma força barbara e violenta, p.a repellir esta, tomou as armas, e a defeza dos Direitos do Imperio Portuguez, tornando-se assim guerreiro e Militar todo o Corpo Litterario, animado de hum valor, e intrepidez tão admiravel, q.to os referidos factos manifestão.

«Tão agradaveis se representarão elles ao Nosso Augusto Principe, tão consideraveis os Serviços e honrozos feitos deste Illustre Corpo, e tão acceptaveis forão do Nosso Soberano Principe o Señr. D. João, q̃ tomando-os com a maior estima da sua Real Consideração, se dignou mandar louva-los no Seu Real Nome, dando-me p.a esse fim a mais honroza, e estimavel Cõmissão».

De pé, descuberto.

«S. A. R. Louva o Patriotismo com q̃ o Corpo Militar Academico se prestou ao Seu R. Serviço em defeza da Patria: Louva a prompta obediencia, com q̃ se alistou, e tomou armas p.a repellir o Inimigo, e se consumar a grd.e Obra da restauração deste Reino; Louva o valor e intrepidez, q̃ mostrou em todos os conflictos, e encontros com o Inimigo: Louva

emfim o desinteresse, e caprixo, com q̃ marchou em todas as expedições, não como Milicia estipendiaria, mas sim letta como a dos antigos Romanos, nutrida das proprias Faculd.es».

«Este Louvor tão apreciavel, q̃ S. A. R. liberaliza hoje ao Corpo Militar Academico, e me manda dar em Seu Real Nome neste lugar publico, e no meio desta respeitavel Assemblea, he huma exuberante recompensa dos Serviços mais abalizados deste respeitavel Corpo, e he já hum excesso da R. Beneficencia do Nosso Augusto Principe.

«He porem recompensa a maior, q̃ este luzido Corpo podia conseguir, e excesso o mais admiravel da R. Benevolencia do Nosso m.to amavel, e incomparavel Principe, o mandar agradecer ao Corpo Militar Academico no seu R. Nome seus assignalados Serviços na defeza da Patria, q̃ tanto encherão o grande e dilatado Coração do Soberano, e de hum modo tão satisfactorio, q̃ o mesmo Senhor p.r meros impulsos da Sua Real Grandeza se digna mandar-me dar em publico, e no seu R. Nome, este agradecim.to; sim»

De pé, descuberto.

«S. A. R. agradece ao Corpo Militar Academico a fidelid.e, e zelo, com q̃ se tem conduzido ao Seu R. Serviço na restauração deste Reino: Agradece a estes seus fieis Vassalos o amor, veneração, e respeito, q̃ consagrão á Sua Real Pessoa, sacrificando tantos trabalhos, e incomodos, e a propria vida á Religião p.a ella ser conservada nos seus Reinos, e Dominios, ao interesse publico, e felicid.e deste Reino p.a nelle se continuar o Imperio Portuguez, Imperio verdadeiram.te paternal, e que S. A. R. tanto tem felicitado».

«Eis aqui, honrados Alumnos desta Academia, o mais vantajozo premio dos vossos gloriosos feitos, e valerozas Acçoens, e a maior recompensa, q̃ a Real Grandeza do Augusto Principe podia dar, e dá de hum modo tão singular, e extraordinario aos Serviços, q̃ hum bom Cidadão, e hum fiel Vassallo deve fazer pela Patria, e pelo Pai commum della; excesso de Benevolencia do Soberano, que deve encher de gloria, e de satisfação a todo este luzido Corpo, e a esta Academia, q̃ neste lugar recebe hoje a maior honra, e levantar no meio della hum eterno Padrão de reconhecim.to, gratidão, amor, e respeito ao nosso Augusto Principe, e Protector o Señr D. João, de cuja immediata Protecção, se honra, se gloria, e inobresse toda esta Academia. O Céo permitta, q̃ ella goze este tão excellente Bem, esta tão alta, e sublime Protecção em paz p.r m.tos, e dilatados annos p.a felicid.e sua, e de toda a Monarchia.

«Viva o Principe Regente N. S.».

(A. da U. — Registada in *Rellaçoens e Organização do C. M. A.*, liv. 2.º, fol. 81).

XVIII

INFORMAÇÕES DOS BACHAREIS FORMADOS EM CÁNONES NO ANO DE 1809 (EXCERPTO)

Senhor

Havendo-se procedido ao juizo das Informações na Faculdade de Canones em conformidade da Carta Regia de 3 de Junho de 1782: sahirão os Bachareis Formados na dita Faculdade, do Anno Lectivo de 1808 para 1809, votados com as qualificações seguintes:

Bachareis Formados

1 . . . . . .

. . . . . .

34 — José Clemente Pereira, filho de José Gonçalvez, natural de Adem, comarca de Trancoso.

1.ª Approvado por dez, Reprovado por hum —

2.ª Bom por dez, Mediocre por hum —

3.ª Approvado por dez, Reprovado por hum.

35 . . . . . .

. . . . . .

Isto he o que resultou das conferencias e votos da Congregação da Faculdade de Canones. Vossa Alteza Real ordenará o que for do seu Real Agrado.

Da Universidade de Coimbra.

Em Congregação de 18 de Dezembro de 1809.

Vicente José de Vasconcellos e Sylva, que sirvo de Secretario, a subscrevi.

Manoel Pacheco de Resende, como Vice Reytor
Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcellos
José Carlos Barbosa de Sousa
José Ignacio da Rocha Peniz
João de Magalhães e Avelar
Antonio José Saraiva do Amaral
Antonino Garcia Pereira
José Fernandes Alvares Fortuna
Luis da Cunha de Abreu e Mello
Joaquim de Seixas Deniz
Narciso Joaquim de Araujo Soares
José Telles da Silva.

(A. da U. — *Registo das Informações*, vol. 3, fols. 20-24).

ACABOV A IMPRESSÃO DESTE OPVSCVLO

AOS ·IV· DE IVNHO DE

·M·DCCCC·XXIII·

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

F
2536
P427

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 21 03 03 002 3